

## RAP: CAMINHO DE EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO PELA MEDIAÇÃO ARTÍSTICA

### RAP: THE WAY OF EXPRESSION OF KNOWLEDGE BY ARTISTIC MEDIATION

Everton Antonio Marcelino de Siqueira<sup>1</sup>

Willian Fernando Porto da Rocha<sup>2</sup>

Letícia Fleig Dal Forno<sup>3</sup>

Regiane da Silva Macuch<sup>4</sup>

#### Resumo

A mediação artística como meio de expressão do conhecimento pode ser estratégia de discussão sobre questões sociais no contexto escolar. Nesta perspectiva, realizou-se estudo de revisão bibliográfica descritiva com objetivo de analisar o Rap enquanto expressão artístico-musical na escola. Os estudos desvelam que o Rap pode influenciar na formação da identidade do sujeito, principalmente nos espaços periféricos, com potencial de organizar sentimentos, emoções e formular discursos socialmente engajados. Para que essa possibilidade ocorra faz-se necessário reconhecer o Rap no espaço escolar como afloramento de expressão social, conhecimento e narrativa biográfica.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Imposição social. Mediação artística. Rap.

---

<sup>1</sup> Graduado em Artes Visuais, Mestrando em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário de Maringá, Cesumar. E-mail: evertonsiqueirabrasil@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações pelo Centro Universitário de Maringá, Cesumar. Professor na Universidade Centro-Oeste do Paraná- UCP E-mail: willianrochaadm@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa, Professora do Centro Universitário Maringá no Programa de Pós Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, Bolsista Produtividade em Pesquisa do ICETI – Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação. E-mail: leticia.forno@unicesumar.edu.br

<sup>4</sup> Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal. Professora do Mestrado em Gestão do Conhecimento nas Organizações – Centro Universitário de Maringá, Bolsista Produtividade do ICETI- Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação. E-mail: rmacuch@gmail.com

## Abstract

Artistic mediation as a means of expressing knowledge can be a strategy for discussing social issues in the school context. From this perspective, a descriptive bibliographical review was carried out with the purpose of analyzing Rap as an artistic-musical expression in the school. The studies reveal that Rap can influence the formation of the subject's identity, especially in the peripheral spaces, with the potential to organize feelings, emotions and formulate socially engaged speeches. For this possibility to occur it is necessary to recognize Rap in the school space as outcropping of social expression, knowledge and biographical narrative.

**Keywords: Artistic mediation. Knowledge. Rap music. Social Imposition.**

## INTRODUÇÃO

Aborda-se neste trabalho o contexto do Rap enquanto meio de expressão artística e estratégia para o indivíduo expor sua realidade social no sentido de impor resistência à opressão e à repressão situacional. Analisando o rap como mediação crítica possibilita o reconhecimento histórico-social daquele que se expressa em uma transição entre espectador e ator da sua realidade, tornando-se uma estratégia de explicitação do conhecimento de mundo, ou seja, social. Definiu-se como objetivo deste estudo analisar o Rap enquanto expressão artístico-musical na escola.

Observa-se que, ao serem motivados a disseminar conhecimento cultural, muitos jovens têm a ansiedade de expressar o que sentem por meio da música. O Rap é um neologismo popular do acrônimo “rhyme and poetry”, podendo ser descrito como um discurso rítmico, que surgiu no final do século XX entre as comunidades negras dos Estados Unidos (SAFIRE, 1992). Enquanto estilo musical, o Rap faz emergir essa ansiedade de significado e da significação do jovem, de forma gradativa.

No sentido da cultura musical, ocorre um afloramento da virtude que faz o jovem se enxergar como um ser social, e conseqüentemente, com ações distantes de situações que os

tornam vítimas sociais. Isso acontece de forma democrática nos grupos onde o rap se manifesta, de modo que os sujeitos se unem para explicitar o que sentem, por meio de suas composições. Essas composições são aplicadas em instrumentais e formam o ritmo que revelará a identidade social e étnica da música que é o Rap, isto porque “por falar a linguagem do sentido e não das palavras, a sensibilidade rítmica tem permanecido como referencial imediato de identificação” (SILVA, 1998, p.183).

Nessa perspectiva, a música pode ser uma grande potência para a formação social do aluno. Segundo Gohn, (2015) utilizar-se dessas linguagens promove uma interação nos alunos com as diferenças, de uma forma ativa. O contato com esses suportes remetem ao aluno um olhar que perpassa pela vida, e encontrando-se representado pela música, pode compreender que a arte evidencia questões da identidade dos indivíduos, estimulando a criação, a reflexão consciente, e conhecimentos mais próximos as histórias dos alunos.

A arte, especificamente a música, tem sido, ao longo da história, utilizada como forma de expressão e de construção de conhecimento, e é uma ferramenta em potencial pouco explorada no contexto educacional e como meio de desenvolvimento do sujeito. O contato com a música, como o Rap, possibilita adentrar no campo da interpretação das experiências cotidianas. A arte, então, pode ser meio de aproximar a realidade social as questões mais íntimas e pessoais, considerando o sentimento e o significado das ações, potencializando o autoconhecimento do sujeito frente a seu meio formador (PIMENTEL, GOUVEIA e VASCONCELOS, 2005).

Na perspectiva de Vygotsky (1998) a arte é um instrumento da vida social, atingindo o íntimo do indivíduo por ser uma forma de socialização, despertando emoções sentidas de formas específicas pelos sujeitos, enquanto uma vivência social. Especificando-se à sua relação com o Rap, o sujeito em contato com as músicas pode realizar uma leitura das composições e confrontá-las com as informações que estão presentes enquanto emoções e realidade, despertando senso reflexivo.

Para que a música possa ser introduzida de forma efetiva em um contexto social, é necessário que haja identificação, que essa música faça parte da cultura dos indivíduos. O sujeito estando afeiçoado pelo estilo musical tem a integração da música como expressão, uma vez que reflete a comportamentos mais frequentes em seu cotidiano e evidencia seu modo de perceber a realidade e comunicar-se. Deste modo, destaca-se que uma vez percebendo esta relação sujeito-música-afeição, sugere-se que este se expresse com mais motivação e proximidade com de construção formadora (HINKEL e MAHAIRIE, 2011).

Assim, nesta pesquisa, destaca-se o Rap como um dos estilos musicais para ser meio de explicitação da realidade do indivíduo e do seu ambiente. Situando sua nascente, tem-se que tal estilo musical é um dos mais ouvidos em periferias, favelas e subúrbios (OLIVEIRA, 2015). O Rap é considerado a voz da periferia e incentiva uma cultura e um estilo de vida. Torna-se importante não só estudar o Rap para compreender as características do movimento como música, mas também como ferramenta de promoção cultural, reconhecimento de condições sociais e identidades encontradas nos estilos de vida dos sujeitos que se identificam com o estilo.

Nota-se que a socialização dos jovens faz da escola e do contexto da educação um espaço de diversidade, salientando, inclusive, o contexto das desigualdades sociais, bem como a possibilidade da juventude se expressar conforme as suas experiências culturais (SILVA, 1999). Isto porque o contexto sócio-histórico e o universo simbólico do aluno não são abandonados no momento em que estes ingressam nos espaços escolares. Assim a relativização do Rap no contexto educacional e no espaço de expressão do indivíduo refere-se a promoção da explicitação de uma crítica à ordem social e à história oficial (SILVA, 1999).

Por meio de práticas discursivas e estéticas “que valorizam o autoconhecimento” (SILVA, 1999, p. 24) observa-se que o Rap é um meio de dialogar entre a escola e o aluno, na proposta de tornar este indivíduo autor da sua história e narrador da sua realidade, expondo suas percepções, desenvolvendo um instrumento relacionado a sua vida social e possibilitando socializar o seu conhecimento e suas experiências (ALBANO, 2016; ANDRADE, 1999; VYGOTSKY, 1998).

## O RAP COMO FORMA DA IMPOSIÇÃO SOCIAL

O Rap tem como pressuposto a afirmação e o reconhecimento do indivíduo, sendo utilizado como ferramenta de ascensão da autoestima e a superação de diversidades (OLIVEIRA, 2015). Devido às circunstâncias vividas por ambientes nocivos, o discurso no Rap consegue salvar vidas e reconstruir seus significados omitidos pela exclusão.

As músicas cantadas em forma de Rap utilizam o intelecto como arma no propósito de lutar pela vida por meio das denúncias e indignações. De acordo com Sumeraro (2006) a luta pela *práxis* é demarcada pelo chamado “novo intelectual”, dessa forma os jovens se estabelecem como o personagem principal diante a qualquer tipo de exclusão, sendo formador de seu próprio intelecto e sua história, da sua identidade social em forma de arte e pondo-a em uma intenção de discurso expressivo.

O Rap pode ser considerado uma forma de emancipação, sendo necessário que se entenda o indivíduo a partir da sua perspectiva histórica e social (VYGOTSKY, 1996). Desse modo guiando-o na construção crítica social, buscando elementos que fortaleçam a convivência e a socialização da chamada cultura *hip-hop* (FERREIRA, 2005; NETO, 2011). O Rap portanto, expressa a realidade dos jovens da periferia, promovendo o reconhecimento de que pode ser utilizado como forma de interação, demonstrando flexibilidade e interdisciplinaridade, referenciando a diversidade desse movimento cultural que correlaciona à historicidade do sujeito.

Considerando-se neste trabalho que a imposição social pode ser analisada por meio do Rap enquanto um recurso para adquirir noções de um reconhecimento de desigualdade, de afastamento, de exclusão, enquanto uma possibilidade de análise (FERREIRA, 2005; MORIN, 2001, NETO, 2011; OLIVEIRA, 2015). A música é conteúdo das artes, o que torna o Rap um meio potencial para contribuir com a análise social, a identificação crítica e de auto conhecimento. Ouve-se e faz-se Rap para entender e contar qual contexto se está, desenvolvendo



um discurso e uma argumentação caracteristicamente identificada na realidade e desigualdade social.

Segundo Camargos (2015) o que se apresenta na produção do Rap envolve um engajamento entre o sujeito que a produz como também é poder representativo daquele que a escuta, a expressão da composição e a propagação dos autores, refletem na prática sócio-cultural do movimento do Rap, e sintetiza a postura do rapper como sujeito engajado na autonomia. Pode-se assim descrever que a imposição social, também se faz, quando o rapper engajado se reconhece e identifica como auto representado na sua música, sendo consciência da periferia por meio do seu discurso (CAMARGOS, 2015).

Outra modo de reconhecer a imposição social refere-se a ação de provocar reflexão sobre as reivindicações dos direitos das minorias, dos conflitos diários que envolvem exclusão e preconceito, e explicitando a violência da periferia e das impossibilidades de acesso aos bens culturais e econômicos (OLIVEIRA e ROSSO, 2016).

O processo de escrita do Rap é ação de resistência, o dialeto informal presente nas músicas contraria a normatização de uma escrita culta. Ao referenciar-se em uma vivência social específica, periférica, o Rap apresenta características próprias, como gírias, palavras ofensivas, de sofrimento, narrativas pesadas e violentas. O não reconhecimento destas características pode causar uma avaliação musical desse movimento como de vitimização, discurso de ódio, mas o que se verifica é o Rap como alternativa social, em ação cultural de não silenciar a voz da comunidade, sendo expressão de um conhecimento coletivo e de convergência entre individual e coletivo (CAMARGOS, 2015).

A significação diferenciada desse movimento é que a produção apresentada nas letras, a legitimidade artística, é a expressão de uma vivência adquirida no cotidiano. Isto é, o Rap mostra o valor da realidade como matéria prima para a composição musical. A individualidade explicitada é também a mesma especificidade que fica “em um segundo plano no banco da escola” (OLIVEIRA e ROSSO, 2016, p. 206), a ação reflexiva na construção identitária

caracteriza o sujeito crítico que Rap ajuda a desenvolver, poderia também a escola valorizar esta individualidade como potencial de matéria prima para que seus alunos se vejam mais ativos em sua realidade.

O Rap é um meio de reconhecimento e possibilitador de participação social que externaliza a opinião por meio da música, conseguindo provocar no indivíduo a busca pela investigação, da politização, da instrução, deixando de ser isolado e sem informações sobre o social, para passar a ter um discurso relativizado pelos seus conhecimentos e pelas suas pesquisas sobre os diferentes contextos sociais (MAGRO, 2002). O que evidencia a necessidade dessa expressão estar presente no contexto de ensino, enquanto uma inserção crítica na formação de um discurso que valorize bens culturais e não utilize uma perspectiva de certo ou errado (FERNANDES, MARTINS e OLIVEIRA, 2016).

Segundo Fernandes, Martins e Oliveira (2016) ao caracterizar o Rap como meio de explicitação da experiência do conhecimento de um cidadão, ao inserir em um espaço educacional esse movimento, possibilita-se que os jovens envolvidos no seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento façam um recurso para a crítica e a reflexão sobre as suas vivências. Ao interligar a formação e uma performance identitária, ao analisar a formação sociocultural com discussões e argumentações sobre o social, sobre direitos, deveres, e problematizações reais do tempo e espaço a que pertencem, os indivíduos atualizam suas noções e vão entendendo a realidade com mais esclarecimento e responsabilidade.

## **RAP COMO LEVANTAMENTO E EXPRESSÃO CRÍTICA PELA MEDIAÇÃO ARTÍSTICA**

Ao considerar que a música faz parte dos conteúdos a serem abordados na arte educação, de modo abrangente e social, deve-se buscar caminhos de encontrar o valor e o significado da música no percurso artístico escolar. A arte detém um caráter de transfiguração da realidade social, desse modo, as apreensões do meio, as interpretações das informações são reflexos de

transições do sujeito absorvendo o meio, e o meio influenciando o mesmo. Estas influências aparecem para o sujeito de maneira fragmentada e precisam ser trabalhadas para que se desenvolvam e se organizem nas relações sociais (GOHN, 2014; FISCHER, 2002).

Segundo Fischer (2002), a arte tem potencial de elevar o sujeito em estado de fragmentação para um estado de integridade. Assim, pode ocorrer o uso da expressão artística para suportar a realidade ou para transformá-la. Este suporte diz respeito a usar da arte para organizar os sentimentos absorvidos da realidade e torná-los mais leves e toleráveis, já o caminho da busca por transformação, aumenta a integridade e a determinação de uma humanização. A arte pode representar um esclarecimento pessoal ou explicitar as urgências e o desejo por interferência e mudança na realidade (FISCHER, 2002).

Segundo Foucault (1999), a escola descrita como moderna tornou-se uma instituição que tem como uma das funções oferecer uma formação que ordene os aspectos físicos e mentais dos sujeitos. Deste modo, os indivíduos inseridos nesse ambiente de “ordenação” têm relações sociais, personalidades, dificuldades, preferências, vivências individuais e específicas, porém, a formalidade da educação visa estabelecer uma construção que “ordene” essas identidades em prol de um desenvolvimento modelado de inserção social (OLIVEIRA & ROSSO, 2016).

A institucionalização e as mudanças dessa modernidade nas estruturas sociais afetam os sistemas culturais, que por conseguinte, afetam a identificação dos sujeitos com a realidade cultural. Esta relação pode ser problematizada no sentido de que as práticas educacionais, em nosso sistema de ensino, segundo Morin (2001) optam por obedecer a esse desenvolvimento fragmentando, ensinando a separar e não a reconhecer correlações, isolar questões que dizem respeito a questionamentos próprios do sujeito, preferindo transmitir e apropriar-se um saber que não se articula, ficando pelas partes, desconstruídas. A não valorização das vivências individuais retira dos jovens a possibilidade de relacionar o conjunto de saberes disciplinares com o próprio saber social, inibindo contradições e questionamentos subjetivos, afetivos, livres e criadores (MORIN, 2001).



Os problemas pessoais, as necessidades dos alunos, as desordens e as contradições podem desenvolver raciocínios críticos, como a recusa à repressão, a exposição das inquietudes, a autonomia de ser construtor de sua realidade e debatê-la, onde os conhecimentos discutidos no espaço escolar possam se articular a questões reais e urgentes (MORIN, 2001, GOHN, 2015).

Seguindo no pretexto da fragmentação do sistema de ensino, tem-se que o próprio silêncio da escola pode causar nos jovens uma postura afrontosa e excludente. A violência, a exclusão, o preconceito, a diversidade religiosa, sexual, a desestruturação familiar, dentre outros, são temas que dificilmente chegam as paredes da sala de aula. E por não ter conhecimentos aprofundados nesses arcos interculturais, os professores que identificam tais tensões (quando identificam), além de não alcançarem seus alunos, acabam muitas vezes por referenciá-los como fracassos, afastando ainda mais um senso de pertencimento e perspectiva de capacidade no aluno (OLIVEIRA & ROSSO, 2016). O Rap poderia ser incluído como temática de interligação destas temáticas que tem faltado nas escolas, principalmente porque estão presentes nas músicas muitos “assuntos denúncia” que se levados a campo de reflexão podem gerar uma maior compreensão e criticidade nos jovens.

Valendo-se neste estudo do Rap como tema e como linguagem, escrita, poética, e comunicativa, a mediação artística entra para discorrer sobre os possíveis entrelaçamentos entre a música, a realidade e as reflexões que pode-se fazer como sujeitos consumidores de cultura. Discutindo como a arte educação pode contribuir para expor a voracidade de temas tão urgentes na sociedade, de modo a não suprimir ou banalizar as opiniões de todos e quaisquer grupos sociais, mas objetivando atribuir conceitos que sensibilizem os alunos para uma real compreensão. A consciência da necessidade de esclarecimento, resistência, de questionamento político devem dialogar com a realidade, a pela arte reivindicar o direito a altivez da voz, do olhar e a emancipação do pertencimento (GOHN, 2015; OLIVEIRA & ROSSO, 2016; MORIN, 2001).

No caso da arte, a linguagem pode se dar pela relação transcorrente entre símbolo e significado, entre representação e referencial social, assim, as obras comunicam em estruturas e

formas captadas da sociedade. Logo, a conclusão de uma obra não se dá no momento em que ela é finalizada, mas sim no momento em que repercute e atua socialmente. Isto porque, há uma forte proposta de que o contato com as letras, mais especificamente o contato com o acervo das composições das músicas de Rap, podem em aula, promover um olhar para as diversidades sociais. O Rap evidencia a negação das diversas vertentes e camadas desfavorecidas, cotidianamente silenciadas, fortalecendo uma leitura mais politizada, encontrando na identidade dos indivíduos o seu real significado de ação, podendo promover uma melhor leitura do mundo, da palavra, bem como da própria produção da escrita (CÂNDIDO, 2000; OLIVEIRA & ROSSO, 2016). Segundo Oliveira e Rosso (2016), o rap, por falar em linguagem informal, direta, carrega a influência de antecedentes sociais que influenciaram sua feitura.

As elaborações artísticas da periferia são exaltadas no movimento das culturas urbanas, neste caso, o Rap sustenta aprendizados sociais que de modo informal explicitam um conhecimento que nasce das apreensões de uma realidade, uma análise crítica, um processo criativo, e também educativo, já que expõe aos grupos envolvidos suas reais condições, sem um mascaramento, mas sim, uma correlação com o cotidiano da periferia (MAGRO, 2002).

## **METODOLOGIA**

Este artigo pauta-se em uma revisão bibliográfica descritiva, no intuito de reconhecer a relevância das relações sociais presentes nas produções musicais envolvidas no movimento do Rap e que estão interligadas à perspectiva de imposição social e expressão crítica por meio da mediação artística. Através de uma revisão de artigos e produções da literatura que relacionam os temas Rap, arte, imposição social, mediação artística e expressão crítica na perspectiva do sujeito, discurso, contexto e educação, para a promoção de uma análise que relaciona a formação da identidade de um sujeito envolvido com a proposta do Rap. Observou-se a necessidade da elaboração de uma revisão bibliográfica (BRASILEIRO, 2013; SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006) que permita a teorização e caracterização na perspectiva de ser um marco de

referência sobre mediação artística, expressão crítica, contextualizando estes conceitos com a produção musical e o reconhecimento de caminhos de expressão considerando as questões sociais, se valendo de publicações científicas em periódicos, livros, anais de congressos, entre outros, não se dedicando especificamente a uma simples transcrição de ideias.

Buscando-se que a análise de artigos e produções bibliográficas permitam um reconhecimento do campo de pesquisa e uma interligação com os objetos de estudo (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006), bem como, uma estruturação da função da mediação artística na especificidade da produção musical e do reconhecimento musical. Definindo-se como uma pesquisa descritiva (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006) pela análise, registro e observação das características, dos fatores e das variáveis apresentados em produções teóricas e outras pesquisas que envolveram os temas desta pesquisa, especificamente, as relações do Rap e sua produção musical e o sujeito, o discurso, o contexto e a educação.

## DISCUSSÃO

Na investigação das produções acadêmicas localizadas e acessadas para a análise notou-se uma externalização de produções que destacam o Rap como um meio de apresentação da realidade. O rapper encontra e reconhece seu cotidiano como vivência, justificando a descrição da imposição social e da expressão crítica como relacionáveis a produção musical.

O envolvimento simbólico que se faz presente na escolha da música, o vestuário, a aparência e a linguagem são elementos simbólicos que ofertam as aproximações em grupo, e a formação de uma identidade. Desse modo as diferenças entre grupos surgem “como signo de diferenciação grupal por opor grupos que atribuem a preferência musical um papel crucial nos processos de formação de identidade social” (PIMENTEL, GOUVEIA e VASCONCELOS, 2005, p.405).

Assim a inserção do jovem no meio ou no contexto do Rap reflete na possibilidade de o sujeito usar da música, de um estilo musical, como promocional de uma elucidação da zona real de desenvolvimento do sujeito e das influências que o meio social promove e permite ao estar em uma interação do meio para com a formação do sujeito (VYGOTSKY, 1998).

Nessa ação de formação do sujeito entende-se que a leitura da música para o jovem poderá produzir uma conquista entre a externalização do seu conhecimento e uma identificação com o que está internalizado quando o seu emocional, as suas percepções pessoais e suas definições de ser. Nesse processo da leitura e do ouvir a música é uma ferramenta possibilitadora para que simultaneamente o jovem se identifique no singular e no coletivo, produzindo seu lugar e seu reconhecimento social.

Neste sentido ao estar em troca com a música, aquele que ouve não busca a apropriação do discurso de quem canta ou produz a letra, mas sim uma significação e um reconhecimento de vivências e valores que aproximam a produção discursiva do Rap entre autor e ouvinte de modo a promover uma formação identitária, não apenas como movimento ou com o estilo musical, mas em alguns casos com rappers específicos e temas específicos.

Segundo Hinkel e Maheirie (2011) existe uma singularidade da adaptação e reconhecimento do Rap, o que reflete na compreensão da progressão dos sujeitos em relação ao modo como cada um chegou a identidade com o Rap e produziu um conhecimento sobre o significado que o Rap ganhou e revelou. Essa significação advém da reflexão com as músicas e com as identificações que refletem a acontecimentos da vida do ouvinte, suas vivências, e permitem uma leitura auto afirmativa.

O discurso presente no Rap refere-se a expressão de consciência, da crônica à realidade, da interpretação poética e da narrativa sobre o lugar social (DAYRELL, 2002). Para Albano (2016) o Rap é possibilitar de uma linguagem que esteja organizada em rede de modo a capacitar quem escuta ou lê a letra da música produzindo um reconhecimento do outro, que é diferente,

“enquanto humano, sem falar em uma moral universalizante, mas fomentando o protagonismo dos próprios sujeitos de direito” (ALBANO, 2016, p. 23).

A amplitude da violência, a acusação "apocalíptica" de uma realidade, pautada em um linguajar carregado de palavras fortes e desconcertantes, muitas vezes, afasta o entendimento e a consideração das letras de Rap como um estilo musical que promove a reflexão. Em um primeiro momento, acredita-se que esse discurso atende a uma incitação ao ódio e a violência, tendo pouca propensão a transformar realidades ou encontrar vias de reconstrução humana, mas vale destacar, aproximando a discussão de Camargos (2015), que este discurso, o seu dialeto, a sua crítica, a sua postura de afronta, são colocados de modo a refletir uma realidade que de fato não considera a condição de igualdade entre os grupos, então, busca-se uma imposição em postura e discurso, de modo transparente, ou seja, escrita e falada tal qual é vivida nas periferias, explicitando uma realidade omitida.

Para alguns sujeitos que não estão envolvidos ou engajados no movimento do Rap, as narrativas nas e das letras podem não apresentar uma perspectiva de realidade e vivência, pois para estes poderá ser considerado apenas o linguajar e a peculiaridade do discurso (AMARAL, 2013; ANDRADE, 1999). No entanto Camargos (2015) destaca que para aqueles que estão inseridos na realidade do Rap e do movimento, a escrita que é produzida expressa a complexidade das situações e memórias vividas no cotidiano dos rappers, sendo ricas e válidas para apresentar um panorama do que realmente acontece nos lugares onde estas realidades são latentes.

Dessa forma o discurso do Rap aparece como uma forma de desmascaramento do eufemismo social, ou como um método de desvelar o que se encontrava em isolamento. Na perspectiva de Taddeo (2012) esse estilo musical é o principal instrumento de mudança dos jovens que se encontram em um contexto socioeconômico desfavorecido trazendo à tona a historicidade do sujeito até então desconhecido.



Segundo Dayrell (2002), o discurso está relacionado à exclusão social, da comunidade, da cultura e a perspectiva de invisibilidade do indivíduo. Ao especificar a proposição do desenvolvimento do adolescente, tem-se que o indivíduo que passa a ter voz ativa por meio do Rap e da sua produção e desenvolvimento pode ser assistido, como descrevem Silva e Milani (2015), como uma fase adaptativa quanto aos seus comportamentos transgressores as normas sociais, o que explicita a organização que o adolescente ou jovem consegue produzir em relação ao meio em que está inserido e como se apresenta nele.

Quando o contexto pode ser descrito como mediador da formação de um sujeito em relação a suas compreensões e mudanças das percepções sociais, tem-se que na adolescência as dificuldades normais da fase e os interesses antissociais podem ser mecanismos do jovem não explicitar suas opiniões e vivências. A produção do Rap pode ser um meio de fazer o caminho inverso, provocando no jovem interesse em narrar para a sociedade a sua realidade, e ainda falar por aqueles que ele avalia como sem voz frente as suas condições socioeconômicas ou as vivências marginalizadas nas ações cotidianas sociais, avaliadas e percebidas por meio da sua inserção (AMARAL, 2013; OLIVEIRA E ROSSO, 2016; SILVA E MILANI, 2015).

Pode-se considerar, de acordo com Andrade (1999) que a música pode ser um artifício de incomodo, de destacar a posição e a compreensão em relação ao social, porque é um processo em que o jovem assume uma identidade frente a um grupo, a um estilo, ou a uma singularidade sobre os tipos de mensagens e temas das suas músicas e das músicas que ouve. No entanto o contexto de inserção do jovem que opta pela música como meio de expressão não é limitador, mas sim um organizador e aproximador de realidades, pois poderá refletir na narrativa as possibilidades de se repetir em diferentes realidades contextuais, similaridades de problemas e nas discussões presentes em cada comunidade.

Na especificidade do contexto da educação, um estudo com rappers e jovens envolvidos com o movimento do Rap fez-se possível reconhecer que a escola é uma “chatice necessária” (DAYRELL, 2005, p. 123) com um peso relativo ao mercado de trabalho, pouco eficaz e não

referencial a construção do sujeito, um espaço que normalmente provoca que o aluno se reconheça como mau aluno e não perceba o seu reconhecimento nesse espaço e no seu processo de aprendizagem. Candau (2008) descreve que quando a educação for possível de ser percebida como um direito humano, na perspectiva de possibilitadora também de uma educação intercultural, será abordado o reconhecimento do outro como meio de possibilitar o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais.

Essa concepção da educação favorece a construção de um projeto focado na integração das diferenças (ALBANO, 2016, CANDAU, 2008) e segundo Arnheim (2016) é meio de identificar a compreensão do sentir que se faz presente em uma produção relacionada a expressão artística, gerando um processo de autoconsciência do indivíduo e compactuando com a proposta de descrever a natureza do mesmo, quanto a sua formação e o seu processo histórico-crítico das experiências de sentidos e sensações.

Nesse sentido, observa-se que o espaço educacional, a escola, é um lugar que deveria proporcionar ao aluno meio e momentos de expressão dessas experiências baseadas no seu sentir e nas suas sensações quanto a sua realidade, o seu contexto e a sua formação identitária. No entanto, o que se destaca em alguns estudos (LIMA e VALE, 2016; SIQUEIRA e GURGEL-GIANNETTI, 2011; VINHA e TOGNETTA, 2014) é a dificuldade dos professores compreenderem a ação de agir diferenciada, ou como descreveu Dayrell (2002) o professor não reconhece o aluno como questionador e crítico, mas sim como não apresentando o comportamento adequado para a sala de aula. O que acaba por subverter em uma perspectiva de mau comportamento toda a ação que seja explicitação da imposição social de um indivíduo que tende por apresentar uma perspectiva crítica da sua realidade e das suas possibilidades, bem como do seu reconhecimento social (ALBANO, 2016; VINHA e TOGNETTA, 2014).

Essa relação faz-se frente ao entendimento sobre os conflitos na ótica pedagógicos, oportunizando que o espaço da sala de aula seja condicionante para abordar intervenções que relacionam valores morais, desenvolvimento de autorregulação, reconhecimento de perspectivas

e a busca de soluções cooperativas (VINHA e TOGNETTA, 2014). Nesta abordagem o professor e o aluno dialogariam, e opondo-se às narrativas presentes no estudo de Albano (2016) o aluno poderia reconhecer no professor um incentivador para a construção de um discurso voltado a imposição social, e arraigado de uma interculturalidade, de uma identidade e uma formação social, explicitada nos direitos humanos.

Tem-se, então o MC (rapper) como um sujeito social, e entre as várias definições de ser social Charlot (2000) afirma que o sujeito está aberto a um mundo que possui uma historicidade, em que caminha em busca dos seus desejos e sonhos e tais desejos têm constante relação com o desejo e sonho do outro sujeito, construindo, assim, uma teia relacional. Ao mesmo tempo em que a partir de suas experiências familiares, amigos e outras relações sociais também é um ser social. Nessa perspectiva o rapper é um sujeito ativo que age no e sobre o mundo, consequentemente nesse movimento é criador e criatura na construção e interpretação das relações sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às discussões aqui propostas permearam acerca de noções sociais, individuais, e dos possíveis entres que aproximam os sujeitos da música, da arte, da escola, uns dos outros e da realidade. Constata-se que pelo motivo do Rap ser um meio informal de construção de conhecimento o sujeito estrutura a sua própria identidade por meio de uma moldagem sociocultural instituída pela música. Transmitindo, assim, a mensagem de uma vivência valorativa, de modo que a partilha dessa mensagem forma opiniões e desenvolve o senso crítico de outros jovens que entram em contato com a mensagem proposta por meio das músicas.

Por meio do Rap o sujeito, antes desapegado de um reconhecimento de ser e coagido a desencontrar-se das atividades do meio, acumulando desavenças e dificuldades, pode então, problematizar sua própria realidade num sentido mais amplo. Encontrando nas músicas uma

válvula de escape, repleta de identificações que explicitam sua condição no mundo, de modo que pode conta-la aos outros, mediando seus sentimentos, suas vivências e marcas e fazendo-se visto e representado por um movimento social em comum, que seja por símbolos, dialetos, ou comportamentos, estas manifestações comunicam a sua cultura.

A confluência aqui analisada sobre o Rap e a educação, mesmo utilizando da mediação artística como proposta de comunicação entre, repercute que a escola ainda não absorve esse movimento. Evidenciando que questões socioeconômicas e socioculturais que afetam comunidade e conseqüentemente a escola e na sala de aula passam em alguns momentos veladas por uma descrição comum de reconhecimento da diversidade e da heterogenia em espaços de aprendizagem. Em termos de intervenções pedagógicas e atuações específicas dos professores, nem sempre repercutem numa compreensão do direito de trocas explicitadoras de discursos e percepções mais dinâmicas da implicação social de alguns jovens.

Observou-se na análise de alguns estudos que a busca em apresentar o Rap como ferramenta de expressão do conhecimento e das realidades sociais precisa de sujeitos conscientes de abordagens políticas, culturais e discursos mais críticos. Auxiliando, assim, na formação de cidadãos críticos que contribuam com a ética e o senso de justiça, podendo-se vislumbrar como aptos a conduzir as próximas gerações ao desenvolvimento cívico, ético e intelectual. Mas problematiza-se neste estudo que o contexto educacional ainda não se faz uma ferramenta de estímulo ou incentivo para que os jovens com formação identitária ao Rap utilizem de seu discurso de imposição social ou de intransigência as suas realidades no espaço educacional.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, M. L.C. RAP EM JOÃO PESSOA/PB NA VOZ DE MENESTREIS MC'S: Horizontes para uma educação em direitos humanos intercultural e emancipatória. **Revista de Direitos Humanos e Efetividade**, v.2, n.1, p. 21-36, 2016.

AMARAL, M. G. Expressões estéticas contemporâneas de resistência da juventude urbana e a luta por reconhecimento uma leitura a partir de Nietzsche e Axel Honneth. **Revista Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.56, p. 73-100, Jun. 2013.

ANDRADE, E.N. **Rap e educação, Rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, p. 23-37, 1999.

ARNHEIM, R. **ARTE E PERCEPÇÃO VISUAL: Uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

CAMARGOS, R. **Rap e Política percepções da vida social brasileira**. 1.ed. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2015.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. QUEIROZ, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n. 1, p. 117-136, 2002.

DAYRELL, J. **A música entra em cena O Rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.



FERNANDES, A. C. F; MARTINS, R; OLIVEIRA, R. P. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. **Revista do instituto de estudos brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 183-200, 2016.

FERREIRA, T. M. X. **Hip Hop e Educação: Mesma linguagem/múltiplas falas**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOHN, M. D. **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: CORTEZ EDITORIA, 2015.

HINKEL, J., & MAHEIRIE, K. Apropriação Musical: A arte de ouvir rap. Maringá, PR, **Psicologia em Estudo**, v. 16, p. 389-398, jul/set. 2011.

LIMA, L. S., VALE, A. O. consequências do uso do controle aversivo pelo professor: contribuições da análise do comportamento. **Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará**, v. 1, p. 2661- 2669, 2016.

MAGRO, V. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. Campinas, SP, Cad CEDES, v. 22, n. 57, p. 63–75, 2002.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a forma reformar o pensamento**, Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2001.

NETO, N. T. **Movimento Hip Hop no Mundo ao Lugar: Difusão e Territorialização**. Juiz de Fora, MG. Juventudes e Cidade. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

OLIVEIRA, R. C. **Rap e Política**: Percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

OLIVEIRA, V.B.M., ROSSO, D.S. Rap: a voz da resistência em sala de aula. **TEMÁTICA**, Cascavel, PR, n. 7, p. 198-213, 2016.

PIMENTEL, C. V.; GOUVEIA V. e VASCONCELOS T. C. Preferência Musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. **Estudos da Psicologia**, p. 403-413, out-dez, 2005.

SAFIRE, W. On Language: the rap on hip-hop. **The New York Times Magazine**, 1992.

SAMPIERI, R., COLLADO, C., & Lucio, P. **Metodologia de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, C.G., MILANI, R.G. Adolescência e Tendência Antissocial: o Rap como expressão de uma privação emocional. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 35, v.2, p. 374-388, 2015.

SILVA, J. C. G. **Rap na cidade de São Paulo**: musica, etnicidade e experiencia urbana. Tese (doutorado) - Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Campinas, SP, 1998.

SILVA, J. C. G. **Arte e educação**: experiência do movimento hip hop paulistano. In: ANDRADE, E. (Org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, p. 23-38, 1999.

SIQUEIRA, C.M., GURGEL-GIANNETTI, J. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Revista Associação Medicina Brasileira**. Belo Horizonte, MG, n.57, v.1, p.78-87, 2011.

SUMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

TADDEO, C. E. **A Guerra não Declarada na Visão de um Favelado**. 1. Ed, São Paulo: Saraiva, 2012.

VINHA, T. P. TOGNETTA, L. R. P. Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas. INFAD, **Revista de Psicologia**, n. 1, v.7, p.323-332, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.